

Dom Samuel Lauras

## FILHOS DA LUZ EM TEMPOS DE PROVA

Reflexões de um monge  
para nos mantermos unidos na adversidade

Título original:

*Fils de Lumière en temps d'épreuve*

*Propos d'un moine pour demeurer unis dans l'adversité*

© 2019, Groupe Elidia

Éditions Artège

10, rue Mercœur – 75011 Paris

9, espace Méditerranée – 66000 Perpignan

[www.editionsartege.fr](http://www.editionsartege.fr)

Tradução:

João Azevedo Mendes

Capa:

Francisca Cardoso Girão

Paginação:

Editorial Frente e Verso – Braga

Impressão e acabamentos:

Publito, Estúdio de Artes Gráficas, Lda.

ISBN 978-989-54704-3-3

Depósito legal n° 478049/20

Dezembro de 2020

*Com todas as licenças necessárias*

© Frente e Verso

Rua S. Barnabé, 32

4710-309 Braga

[www.frenteverso.pt](http://www.frenteverso.pt)

[livros@snao.pt](mailto:livros@snao.pt)

*Aos filhos da Luz que, na Igreja,  
debatem juntos e procuram a Verdade.*

*Os cristãos encontram o modelo da sua conduta  
no modo de agir de Deus; e Deus exige, com justiça,  
ser imitado por aqueles que Ele criou  
à sua imagem e semelhança.  
Não podemos, portanto, obter as riquezas da sua glória  
se não há em nós misericórdia e verdade.*

São Leão Magno

*É bom não esquecer que também a razão, na sua busca,  
tem necessidade de ser apoiada por um diálogo confiante  
e uma amizade sincera.*

São João Paulo II



## PREFÁCIO

«Uma pequena chama irradia em muitas luzes e ilumina a casa de Deus na escuridão»<sup>1</sup>. Como em muitas outras igrejas católicas, na vigília da Ressurreição escutamos as sete leituras do Antigo Testamento na penumbra, só à luz do círio pascal e das velas que os irmãos e algumas dezenas de hóspedes acenderam no fogo pascal. «A Luz de Cristo! – Graças a Deus!». Entramos por uma porta lateral na abside da igreja da abadia, atrás do diácono que leva o grande círio. Num espaço situado antes do transepto instalara-se na antevéspera o repositório com o Santíssimo, perante o qual tínhamos rezado e permanecido em vigília desde o fim da missa de Quinta-Feira Santa até ao grande ofício de Sexta-Feira Santa. O «túmulo» está agora vazio, mergulhado na escuridão. «A Luz de Cristo! – Graças a Deus!». Os irmãos, reunidos à volta do círio pascal, e os hóspedes, que entraram pela porta do fundo da igreja, esperam a Luz. O diácono sobe os degraus e para em frente do altar, enquanto espera que os monges voltem ao cadeiral do coro, sob uma luz vacilante. Há sempre alguém que tropeça ou deixa cair o seu missal. Faz parte do programa... Quando tudo está

---

<sup>1</sup> Bento XVI, *Vigília de oração com os jovens*, 24 de setembro de 2012, Freiburg im Breisgau. Texto disponível no *site* da Santa Sé.

em sossego, pela terceira vez, o diácono canta: «A Luz de Cristo!». E todos respondem: «Graças a Deus!». Depois, canta o *Exultet* no ambão. Todos se sentam e escuta-se a primeira leitura, a história da Criação: «Deus viu que isso era bom». Um candelabro de treze braços (Cristo e os doze Apóstolos) dá um pouco mais de luz à *schola* que canta o salmo responsorial. Leio a oração *recto tono* antes de me sentar para escutar a leitura seguinte.

Foi nesta escuridão iluminada pela Palavra de Deus, afetado pela ansiedade com o futuro, preocupado com a evolução da sociedade contemporânea, assustado com os dramas que debilitam a Igreja e desolado pelos conflitos que estão a alterar as nossas relações internas, e que estão presentes em mim, que decidi escrever este livro, para dar testemunho. As preocupações e os conflitos quotidianos, de vez em quando, impedem-me de dormir, ainda mais do que uma forte canícula. Ora, quando não dorme, um monge reza e pensa. E não só os monges: «Sim, há noites negras, não podemos negá-lo – escreve Laurent Landete, pai de família – mas é durante a noite que vemos as estrelas»<sup>2</sup>. Enquanto perguntarmos: «Porque existem estes problemas?», não conseguiremos encontrar uma solução. Não há uma resposta a esta pergunta. No entanto, aquele que consegue ir mais fundo e pergunta a si próprio «o que fiz para chegar aqui?», encontra uma resposta, nem acusadora nem culpabilizante: «Porque tu és homem, porque eles são homens e porque só Deus é Deus!». A noite deixa de ser sombria e angustiante. Faz-se luz e as soluções surgem porque

---

<sup>2</sup> Laurent Landete, *Dieu fait toutes choses nouvelles*, Éditions de l'Emmanuel, 2018, p. 59.

havia, de facto, não conflitos de pessoas a resolver, mas realidades a ordenar. É necessário arregaçar as mangas para enfrentar com energia os problemas e lutar. Mas só da Luz pode vir a solução: «Tu és homem, eles são homens e Eu sou Deus». Portanto, escrevi um livro.

Nessa vigília abençoada da Ressurreição, sentado e escutando alguns textos da gesta de Deus desde a noite dos tempos, estes pensamentos agitavam-se em mim, incoerentes. Após cada oração, colocava de novo a mitra na minha pobre cabeça, como um cavaleiro antigamente ajustava o seu elmo antes de partir para uma cruzada ou para um torneio. A mitra, simbolicamente, é um elmo. Eu afundava-a em mim o mais possível para esconder a minha testa marcada pelas rugas. No dia de Páscoa deve dominar a alegria. A igreja estava tão escura que os meus irmãos não viam que o seu abade estava preocupado. Na altura do *Gloria*, as luzes acendem-se e, enquanto dois irmãos tocam os sinos energicamente, o acólito, o turiferário e o cerimoniário revestem o altar com a toalha, as velas e a cruz retiradas na tarde de Quinta-Feira Santa.

Felizmente, a liturgia continua o seu curso e faz regressar tudo. Depois das vésperas do Sábado Santo, o irmão sacristão cobre com um véu branco a estátua da Virgem, que estava coberta, desde o Domingo da Paixão, por um pano roxo. No início das ladainhas da vigília, na igreja bem iluminada, este irmão aproxima-se discretamente da coluna onde se encontra a estátua, com uma tesoura escondida debaixo da sua capa. E quando todos cantam «Santa Mãe de Deus, rogai por nós», ele corta o fio, o véu cai e a estátua aparece à luz. Este “espetáculo” litúrgico é concedido ao padre abade por causa do seu

passado no palco de um teatro. Alguns têm lágrimas nos olhos. O padre abade também se emociona. Isto apazigua-nos... Em breve, entoo o aleluia. Depois, na luz da noite de Páscoa, concelebro a Eucaristia com os meus irmãos.

Terminada a missa, disse a mim próprio que o livro devia ser breve. Mas esta boa intenção ficou sem efeito. Alguns leitores críticos obrigaram-me a fazer muitas correções. Ao consultá-los, colhi o que semeiei: reservas e incentivos. Encontraram, por exemplo, anacolutos escritos pela minha caneta. Como *Monsieur Jourdain\**, eu fazia e não sabia. Que problema! Tive, por isso, de esperar até à celebração de Cristo Rei para colocar o ponto final.

«Pelo mistério pascal, fomos sepultados com Cristo no batismo – diz o ritual da vigília pascal –, para com Ele vivermos uma vida nova». Depois, mesmo antes de afirmar a nossa fé em Deus Pai, em Jesus Cristo Salvador, no Espírito Santo, mesmo antes de afirmar que cremos na Santa Igreja Católica, na comunhão dos santos, no perdão dos pecados, na ressurreição da carne, na vida eterna, o padre convida-nos a renunciar «a Satanás, ao pecado e a tudo aquilo que leva ao pecado». Não são palavras vãs. Alimentados pelos sacramentos e apoiados, transformados pela graça, tornamo-nos capazes de enfrentar este combate e capazes de ler, à luz da Páscoa, os acontecimentos que nos tocam de perto ou de longe, que sucedem a quem está próximo ou nos confins do planeta. À luz da Páscoa, o pecado que ensombra a humanidade não nos impede de crer no futuro do homem

---

\* Da peça de Molière. [N. T.]

e na sua salvação; e a esperança dessa salvação não nos impede de ver o mal e de reagir. À luz da Páscoa, o pecado dos membros da Igreja não nos impede de crer na santidade da Igreja e a santidade da Igreja não nos impede de ver o mal nos seus membros e de reagir.

O silêncio de indizíveis sofrimentos, fora da Igreja e no seu interior, veio unir-se ao silêncio que rodeia o meu mosteiro, que habita a igreja da abadia onde eu canto os salmos com os meus irmãos e onde rezo também na solidão. Esse silêncio pesa no meu coração. Silêncio dilacerado daqueles que sofrem tanto que não conseguem sequer falar nem perdoar. Silêncio dilacerado entre a minha confiança inabalável na Igreja e o apelo, sempre a retomar, à santidade dos seus membros. Silêncio dilacerado entre a minha confiança na graça e a realização, sempre a retomar, da minha vocação monástica.

O meu coração de monge vela no silêncio que é necessário romper e no silêncio que é necessário guardar. O primeiro, para dizer aquilo que as palavras resistem a expressar; o segundo, para escutar aqueles ou aquelas que desejam falar. O silêncio que é necessário romper para descrever e reconhecer o inaceitável; o silêncio que é necessário guardar para respeitar as confidências, sem o qual os infelizes não sabem a quem dirigir-se. Falar para revelar o mal que se esconde no escuro e que a luz da verdade afasta; calar-se e escutar para permitir que Cristo cure as feridas. Falar para anunciar a Palavra de Deus e fazer silêncio para escutá-la.

Sei que enfrentar o mal é o meu destino de homem, de cristão e de monge. Acredito que sem Cristo... Sem Cristo? Não me atrevo a pensar nisso. A humanidade é a minha casa, a Igreja de Cristo é a minha família, aqueles

que fazem o mal são meus irmãos e os pequeninos a quem fazem mal são meus filhos.

No silêncio da noite de Páscoa, recordei esta palavra do Apóstolo: «Assume a tua parte de sofrimento, como bom soldado de Cristo Jesus» (2 *Tm* 2, 3). Esta palavra não me deixará mais.

## ALGUNS PREÂMBULOS, EM DESORDEM

Ao escrever as *Confissões*, Santo Agostinho inaugurou na Igreja um género literário que se caracteriza por apoiar-se na própria experiência espiritual para transmitir um ensinamento universal<sup>1</sup>. Ao ler esta obra com um olhar objetivo, o leitor é tocado pela humildade do bispo que escreve para o seu rebanho e põe diante dos seus olhos debilidades íntimas, como as relativas à castidade. Foi mesmo ele que inaugurou este género? Na realidade, não foi! São Paulo já tinha recorrido a ele para explicar o célebre: «É quando sou fraco que sou forte» (2 Cor 12, 10), ao falar de um espinho na sua carne, sem dizer, é verdade, em que consistia esse problema (2 Cor 12, 7). Era necessário deixar algum trabalho para os exegetas. Tomás de Aquino, na sua obra imensa que permanecerá uma catedral insuperável do pensamento filosófico e teológico, não deixa nunca aparecer a sua própria vida espiritual, ainda que ela esteja presente em toda a parte. O contrário sucede com Boaventura, Bernardo de Claraval, os Padres cistercienses...

---

<sup>1</sup> Cf. a bela tradução de Frédéric Boyer, *Les Aveux*, P.O.L., 2008.

## Um testemunho

Não é apenas, portanto, de um modo especulativo que eu conto construir a minha reflexão, ainda que a inteligência e a fé sejam nela fortemente solicitadas. Penso que hoje, por causa da hiperemotividade da nossa cultura, os nossos contemporâneos conseguem raciocinar em profundidade desde que a sua sensibilidade seja primeiro tocada, de uma maneira ou de outra. Recentemente, um irmão de Nový Dvůr disse-me: «Não entendo bem os seus comentários da *Regra*». É encorajador! «Mas quando dá exemplos, eu entendo melhor o que quer dizer». Ufa! Não falo completamente no vazio.

Não pretendo aqui brincar ao gato e ao rato. Uma das características deste testemunho consiste em apoiar-se na minha experiência monástica. Vou contar como os monges, para assumir as suas responsabilidades no mundo do seu tempo, vivem juntos, se confrontam e depois chegam a um acordo<sup>2</sup>. Vou contar também a minha história pessoal, antes de entrar no mosteiro. Algumas vezes surgirá a minha cólera e, com frequência, o meu bom humor. Certas passagens serão, sem dúvida, árduas para algumas pessoas. Convido-as a continuar. Até os raciocínios difíceis são úteis. Avancemos, continuemos sem entender bem o que ele quer dizer... Um pouco mais à frente já entenderemos. É assim que nos tornamos inteligentes, quase sem esforço. Para descansar de uma questão por vezes austera, associei também um bestiário à minha reflexão. Veremos voar cegonhas, um pardal e andorinhas.

---

<sup>2</sup> Consultei sempre os meus irmãos antes de transcrever uma conversa que lhes dizia respeito (como fiz com todos os outros testemunhos citados).

Cadelas atacam uma raposa e javalis devastarão prados. Esclareço que são histórias verdadeiras e não fábulas. Os leitores sérios não entenderão muito bem o que fazem aqui estes pássaros e os mais simples gostarão destas pequenas histórias. Assim, todas as coisas serão temperadas com discrição, «essa mãe das virtudes», como escreve São Bento, de modo que «possam os fortes desejar mais e os fracos não achem demais»<sup>3</sup>. Desta forma, «ninguém se perturbe nem entristeça na casa de Deus»<sup>4</sup>.

Vivemos sobre uma fratura. Nós, os cristãos, mas não somente nós. Uma fratura da sociedade: costumes caóticos, referências antropológicas desestruturadas. Uma fratura ecológica: a mãe natureza perdeu o seu ritmo. Uma fratura política. Uma fratura que podemos encontrar mesmo na Igreja Católica, onde o mal se introduziu em proporções alarmantes. E se o remédio fosse espiritual?

Vivemos sobre uma fratura. Embora todos tenham medo, poucos conseguem viver e olhar de frente para esta realidade inquietante. As decisões a tomar, em todas as áreas, exigem recuo e um grande sangue-frio, de tal forma que parece impossível assumirmos esta tarefa sozinhos. Para o homem é impossível, mas nada é impossível a Deus.

A noite ainda rodeia o mosteiro, mas os monges já estão a rezar. Não se ouve nenhum ruído, exceto o balir de um cordeiro. A esta hora os cascos dos carneiros martelam o prado. Quem sair cedo de viagem vai inevitavelmente surpreendê-los com a luz dos faróis.

---

<sup>3</sup> Bento de Núrsia, *Regra dos Monges*, cap. 64: «Da ordenação do abade». Todas as citações da *Regra dos Monges* de Bento de Núrsia são retiradas da tradução de Dom Ph. Schmitz, Maredsous 1975. [Para a tradução portuguesa, seguimos a edição organizada pela comunidade beneditina de Singeverga: *Regra do Patriarca São Bento*, ed. Ora et Labora, Santo Tirso 1992 (N. E.).]

<sup>4</sup> *Ibidem*, cap. 31: «Qual deva ser o celeireiro do mosteiro».

Os monges não têm resposta para tudo. Vivem, como todos, sobre esta fratura. Rezam. Os frutos invisíveis das suas vidas e das suas súplicas poderão contribuir para mudar a maré? E se fosse necessário, simplesmente e num primeiro momento, começar por olhar para si de um modo diferente, procurar o equilíbrio instável entre o Amor e a Verdade, manifestar na nossa ação que estamos preocupados em realizar estes dons de Deus, em vez de nos agredirmos?

### **O trigo e o joio**

Como se não bastasse introduzir o reino animal na teologia, as relações entre as urtigas, as ervas daninhas e a cultura de legumes ilustrarão a parábola do trigo e do joio, que nos irá acompanhar durante toda a reflexão (*Mt 13, 24-30*). Vamos lê-la novamente:

«O reino dos Céus é comparável a um homem que semeou boa semente no seu campo. Ora, enquanto os seus homens dormiam, veio o inimigo, semeou joio no meio do trigo e afastou-se».

Claro que estamos a falar do reino dos Céus, não de «questões e desafios relacionados com a problemática social». É delicioso este jargão! O joio? Ninguém sabe o que é. É uma planta monocotiledónea, herbácea, particularmente prejudicial aos cereais<sup>5</sup>. Esta definição não

---

<sup>5</sup> Definição do Petit Robert 2007. É também chamada de «candelária», se não me engano.

nos esclarece muito. Na tradução litúrgica checa, lemos *plevel*, a designação comum das ervas daninhas. Percebe-se imediatamente. Temos assim um homem que trabalha conscienciosamente, outros que descansam após o trabalho e um inimigo maldoso que deseja prejudicar toda a gente. Isto, sabemos o que é!

«Quando a haste cresceu e deu fruto, apareceu também o joio».

Era o objetivo... Sem este fenómeno natural que se renova em cada estação, não se aplicaria nenhum herbicida nas nossas terras e o pão que comemos seria muito mais saudável.

«Os servos do dono da casa [sem dúvida, aqueles que dormiam quando o inimigo fazia o seu trabalho] foram ter com ele e disseram-lhe: “Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? Donde vem, pois, o joio?”».

Não foi o Senhor que semeou. Ele contentou-se, provavelmente, em seleccionar as sementes. Na realidade, foram os servos que fizeram o trabalho e qualquer agricultor sabe distinguir o trigo das sementes de dente de leão ou de outras ervas daninhas que o vento espalha. Se eu visse a semente desta planta monocotiledónea, certamente reconhecia-a. Mas estes servos fingem não perceber o que aconteceu. Ou querem livrar-se da responsabilidade pelo desastre que observam?

«[O Senhor disse-lhes]: “Foi algum inimigo meu que fez isto”».

Esquecemos demasiadas vezes o Inimigo que perturba maliciosamente os efeitos das nossas boas ações. Os servos ficam aliviados por se identificar o verdadeiro culpado, o que lhes dá coragem para combater a erva daninha:

«“Queres que vamos arrancá-lo?”. Ele respondeu: “Não, para que não suceda que, ao apanhardes o joio, arranqueis o trigo ao mesmo tempo. Deixai um e outro crescer juntos, até à ceifa; e, na altura da ceifa, direi aos ceifeiros: Apanhai primeiro o joio e atai-o em feixes para ser queimado; e recolhei o trigo no meu celeiro”».

Se o início da parábola apresenta algumas semelhanças com a nossa experiência, o seu final deixa-nos completamente à nora. Gostaríamos de resolver imediatamente o problema, controlá-lo, para que tudo ficasse claro e limpo. Quando as plantas amadurecem distinguem-se facilmente e arrancar logo as ervas daninhas tranquiliza-nos. Separar os bons dos maus bispos, os bons dos maus padres, as boas comunidades daquelas que não parecem sê-lo, isso também nos tranquiliza. Mas a parábola explica que esse método não entra na visão do Senhor. Ele prefere esperar. É experiente e sabe o que faz. É uma lição que precisamos de aprender: a colheita de que fala a parábola só tem lugar no juízo final.

### **Após uma vida desordenada**

Deus deu-me a graça de uma conversão fulminante após uma vida desordenada de *bâton de chaise* ou de

*patachon*\*, como preferirem. O *bâton de chaise* era a cadeira portátil que transportava confortavelmente os homens galantes pelas ruas, carregada por criados complacentes. A *patache* era uma pequena diligência desconfortável, conduzida pelo *patachon*. E se eu andava a pé, isso não significa que fosse melhor.

Em poucos meses, mudei de vida e entrei no mosteiro, deixando atrás de mim cinco anos de estudos superiores e cinco anos de atividade profissional. Fui recebido por uma comunidade viva em que percebi imediatamente que existiam conflitos entre gerações – eu já não era uma criança –, que diziam respeito a opções monásticas fundamentais sobre as quais, claro, não podia então emitir um juízo fiável. Eu esperava encontrar velhos monges que me tratassem com bonomia, como avós benevolentes, mas nem sempre isso aconteceu. No entanto, em retrospectiva, vejo que estes estimados religiosos traçaram o seu caminho assumindo corajosamente (embora imperfeitamente, claro) a sua vocação nas circunstâncias do seu tempo. Durante o meu noviciado na abadia de Sept-Fons (recebi o hábito em 8 de dezembro de 1983), tive a oportunidade de assistir às aulas do padre Jérôme<sup>6</sup> (1907-1985), que ainda ensinava, apesar da sua idade, filosofia e teologia no mosteiro. Graças às suas lições, que duraram apenas alguns meses, consegui estruturar as noções dispersas que giravam como galáxias no meu instável universo intelectual. Antes de entrar no mosteiro, elas

---

\* Ambas as expressões – uma vida *de bâton de chaise* ou *de patachon* – significam uma vida desordenada e dissoluta. [N. T.]

<sup>6</sup> Monge de Sept-Fons. Cf. Anne Bernet, *Père Jérôme, un moine au croisement des temps*, Cerf, 2015. Anne Bernet conta com muita sensibilidade como a fidelidade do padre Jérôme se construiu graças a uma rede de boas influências.

não me ofereciam nada sólido para orientar a minha existência. Sendo monge, segui estudos de filosofia e, depois, de teologia. Quando tive oportunidade de olhar para fora do mosteiro, percebi que entre uma diocese e outra, entre um bispo e outro, entre um seminário e outro, por vezes havia disputas. O seminário de Paray-le-Monial e o de Ars não estavam muito longe; os seus jovens passavam regularmente no mosteiro com os seus professores. Entre um mosteiro e outro, entre abades e abadessas, deplorávamos igualmente conflitos e ressentimentos que não impediam, no fundo, a existência de um sincero carinho fraterno. Não há nada surpreendente nisto, é humano.

Na agitação que precedeu e se seguiu ao Concílio Vaticano II, o padre Jérôme desenvolveu uma teologia espiritual e uma prática da vida monástica que considero profundamente tradicionais, mas que diferiam, em alguns aspetos, do que se praticava à sua volta. Realista na filosofia, tomista na teologia, cáustico sem nunca faltar à caridade, incapaz de recuar quando as suas convicções estavam em jogo, ele rezava muito e lia com grande inteligência obras muito diversas (as suas notas de leitura provam-no). Manteve-se sempre afastado dos conflitos entre modernidade e tradição<sup>7</sup>. Como os trapistas da sua geração, como também os monges e as monjas que encontramos hoje nos nossos mosteiros, ele amava o ofício divino e o trabalho manual. Nessa época que procurava encontrar-se, os «tenores da mudança» tinham uma imaginação de tal modo fértil que o lugar do altar, dos monges e dos hóspedes na igreja era objeto de experiências

---

<sup>7</sup> Terei sido compreendido... Desejo evitar o vocabulário redutor: tradicionalista, modernista, integrista, progressista, etc.

e discussões absurdas e intermináveis, nas quais o padre Jérôme não participava. Nas paróquias e noutras comunidades religiosas vivia-se o mesmo naquela altura. Que se há de fazer? Aqueles que desejam mudanças com paciência irritam-se sempre com aqueles que pretendem refletir de forma prudente. No mosteiro, o padre Jérôme não tinha só amigos, ainda que os monges saibam, na maior parte das vezes, ser educados e respeitosos. Ele tinha trinta e dois anos no início da Segunda Guerra Mundial e trinta e oito quando esta terminou, depois de provocar milhões de mortes. Uma idade em que lutar contra o opressor era um dever incontornável. Mas ele era um monge. Além disso, era suíço, com um temperamento reservado e discreto. Homem de fibra, fiel, dedicou-se a fundo à sua vocação. No pós-guerra, a crise religiosa tornou-se tão desestruturante que ele teve, para salvar a sua perseverança, de viver à margem dos turbilhões que agitavam a instituição. Entrou, como escreveu, *en maquis*. Por outras palavras, perseverou na prática da vida monástica em que acreditava, discretamente, sem se opor às orientações que desaprovava, mas desenvolvendo em silêncio, e só pela força da sua oração, as opções que levariam, segundo ele, a uma renovação. Era assim que se escondiam os *maquisards*\* para resistir ao inimigo. A resistência era a sua história, como a do seu tempo. Poderia fazer outra coisa? Sem dúvida, não. De qualquer modo, ainda que sejam determinantes e essenciais os princípios monásticos que recebi dele, através

---

\* *Maquis* é uma palavra que designa os grupos da resistência francesa durante a Segunda Guerra Mundial que se escondiam em zonas montanhosas para atacar de surpresa as forças de ocupação alemãs. *Maquisards* era o nome pelo qual eram conhecidos esses resistentes. [N. T.]

dos meus mestres, esta história de resistência nunca me seduziu verdadeiramente.

A obra do padre Jérôme, publicada após a sua morte, para ser bem compreendida deve ser lida na perspectiva da sua experiência. O abade que lhe dera o hábito, Dom Jean-Baptiste Chautard<sup>8</sup>, e que o convencera a tornar-se padre, marcou profundamente o início da sua vida monástica. O velho abade, que morreria sete anos depois da entrada do padre Jérôme no mosteiro, estimava esse jovem monge. Com os seus sucessores o acordo não foi tão profundo, e quando veio a agitação pré e pós-conciliar o padre Jérôme, muito tímido, mergulhou na oração solitária, sem deixar de amar a sua comunidade, de ser afável e de se entregar generosamente ao seu trabalho (foi-lhe confiada a reconstrução da igreja da abadia, em 1954). A experiência mais valiosa que ele nos deixou diz respeito à perseverança na oração. Este é o fundamento do qual tudo o resto depende. Ele conduzia para Cristo e não para si mesmo. Ao participar, em setembro de 2018, no funeral de um monge de *Sainte-Marie du Désert* que tinha sido discípulo do padre Jérôme, tive a oportunidade de ler nas cartas que ele recebeu do padre Jérôme esta observação convincente:

«Em termos de vida espiritual, deve entender que terei cada vez menos coisas novas para lhe ensinar. A educação, mesmo espiritual, tem o seu tempo; a graça de ajudar alguém também. É verdade que depois é bom reencontrar-se; mas então, se há uma ajuda que se procura, ela é mútua»<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> Abade de Sept-Fons (1899-1935), grande monge e homem de oração, autor de *L'âme de tout apostolat*.

<sup>9</sup> Carta do padre Jérôme ao padre Pierre Thouvenin, de 1 de janeiro de 1968.

O padre Jérôme tinha a idade que eu tenho hoje quando chegaram a Sept-Fons, em 1969, dois jovens que receberam de Deus a mesma vocação que ele e que seguiram a sua escola. Dom Patrick e o padre Nicolas – o abade que me deu o hábito e o mestre de noviços que me formou para a vida monástica – procuraram realizar o melhor que puderam aquilo que o padre Jérôme lhes transmitira, fazendo-o muito bem, pois Deus abençoou os seus esforços. Nový Dvůr é um dos frutos da sua fidelidade. Eu continuo os seus passos, embora à minha maneira, claro. Em tudo o que fizemos, houve inevitavelmente erros e algumas falhas (o trigo e o joio). No entanto, não perdemos a confiança no legado que recebemos.

Saí da abadia de Sept-Fons e de França para fundar o mosteiro de Nový Dvůr, na República Checa (2002), que mais tarde se tornou abadia (2011). A bênção do meu abade depositou nos meus ombros frágeis uma dupla carga, com as graças de estado para a realizar: a responsabilidade de exercer em comunidade uma autoridade paterna que leva os meus irmãos a seguirem Cristo (em vez de me seguirem a mim) e a responsabilidade de exercer uma autoridade colegial na minha Ordem e, num lugar muito modesto, na Igreja. Ainda que tenha sido uma aventura extraordinária, nem tudo foi sempre fácil: três dos nove fundadores de Nový Dvůr deixaram a Ordem, sem saírem da Igreja, mas, quinze anos após a fundação, somos já um pequeno grupo de trinta. A experiência de graça que me acompanhou e sustentou desde o meu batismo à minha deserção de adolescente e, depois, desde a minha conversão, os meus votos monásticos e a minha ordenação até hoje, orienta o olhar com que me debruço sobre as nossas relações mútuas na Igreja e sobre a

relação do mundo com a Igreja. É necessário tempo para assumir os nossos fracassos e para experimentar o quanto eles podem ser benéficos.

### **Dois amigos no mosteiro**

Na mesma semana, dois amigos vêm ao mosteiro. As razões que os levam a visitar-nos não têm nada em comum. No entanto, eles trazem-nos luzes convergentes. O padre Claudio Monge é dominicano do convento de Istambul. Ver Constantinopla, respirar o ar de Calcedônia, de Niceia, entrar na Igreja de Santa Irene, onde tiveram lugar os primeiros concílios, e na basílica de Santa Sofia, que guarda a memória da passagem dos santos Cirilo e Metódio, justificava bem uma breve paragem em Istambul, um dia em que eu e o irmão que me acompanhava regressávamos de um mosteiro asiático. Tínhamos aterrado antes do amanhecer, depois de uma noite de avião. Um táxi levou-nos ao longo das margens do Bósforo quando nascia o dia, depois atravessou o Chifre de Ouro e deixou-nos nas ruelas íngremes e empedradas, sob a Torre de Gálata, em Karaköy. Era ainda muito cedo e não nos atrevemos a tocar à campainha. Não se acorda os dominicanos à mesma hora que os trapistas! Esperámos tranquilamente que algumas janelas se iluminassem e que um pouco de barulho animasse o convento. Acolhidos como príncipes, concelebrámos a missa com os irmãos pregadores numa pequena capela onde havia, além dos celebrantes, só mais duas pessoas, uma das quais era um catecúmeno. O padre Claudio está em contacto com pessoas de diferentes denominações cristãs

e com muçulmanos. Convidado a vir a Nový Dvůr partilhar a sua experiência, disse-nos o seguinte: «O verdadeiro diálogo só começa quando somos capazes de compreender a beleza no rosto dos nossos irmãos e irmãs». E a mim, enquanto caminhávamos à volta do mosteiro, disse-me: «Se temos medo que desafiem aquilo em que acreditamos, se não estamos seguros daquilo que defendemos, somos tentados a argumentar de uma maneira intransigente. Não devemos pensar em binómio, em oposição. Devemos evitar pensar sobre as ideias que temos dos outros, mas tentar conhecê-los, procurar a verdade que essas pessoas professam, expor a verdade que professamos...». O diálogo, claro, não termina aí. A sua finalidade é trazer à luz a Verdade. E ainda: «Quando enfrentamos dificuldades, somos tentados a esperar que os outros tenham compaixão dos nossos infortúnios. Isso conduz a um impasse! É melhor tentar perceber as dificuldades dos outros, encontrando-se com eles e escutando-os».

Falei de dois amigos. O segundo é John Pawson, o nosso arquiteto. Trabalhamos juntos há vinte anos porque um mosteiro é um edifício vivo, em constante crescimento, que envelhece, em que as paredes se deterioram, as janelas empenam e os lavatórios fixos na parede começam a oscilar. E não seria melhor que essa janela fosse uma porta? Há que instalar a lavandaria nessa oficina! O refeitório e a sacristia tornaram-se muito pequenos, agora que tudo está construído...

Pawson é um homem lento, muito lento, que leva tempo a olhar as pessoas, os edifícios antigos em que se inspira (a abadia de Thoronet...), os lugares onde constrói. Ele diz-nos: «Quando era mais jovem, eu tinha ideias e procurava comunicá-las; hoje, prefiro escutar. É neces-

sário muito tempo para perceber o que o outro quer dizer, e ainda mais para lhe explicar aquilo que pensamos».

## **Um labirinto**

Os tempos são difíceis. O mundo está a mudar de forma muito rápida, demasiado rápida, e as decisões a tomar são inúmeras. É impossível, portanto, que estejamos sempre de acordo. Mas que diabo nos impede de resolver os nossos diferendos para o bem de todos? Não vou dizer «com um sorriso», porque os sorrisos podem ser hipócritas. Direi antes: com inteligência, com objetividade, com a cabeça entre as mãos e o rosto preocupado – que evidenciam que o assunto é sério – mas sem pensar que devemos zangar-nos logo que surge uma divergência um pouco maior, nem perder a confiança em Deus e na Igreja por causa do pecado que se infiltra nas suas fileiras e se manifesta publicamente. Antes de entrar no cerne da questão, devo explicar as minhas intenções. Sentir-me-ia mal se deixasse o leitor procurar neste testemunho o que eu não queria dizer. É sempre lamentável decepcionar os outros, como é desagradável que nos dececionem.

As dificuldades não faltam, a nossa esperança está sujeita a uma dura prova. Alguns conflitos estão na origem da minha reflexão, é verdade. Quais? A minha avó dizia que a curiosidade é um grande defeito. Envolvido nas preocupações que nos são comuns a todos e por ocasião dos conflitos infelizes que elas suscitam, fui objeto de atenções delicadas que manifestam o tato dos meus supostos adversários. Estou convencido de que as

minhas observações só serão fecundas na medida em que cada um possa introduzir luz na obscuridade da sua própria vida. Falar da minha experiência não tem outro objetivo senão ser um espelho para outros. Quanto à evocação dos debates que marcaram a história da Igreja (antiga ou recente), ela será modesta. Porque – insisto – a minha intenção é remeter cada um à sua própria experiência: «Sim, no nosso coração existe uma inclinação para o mal, o egoísmo, a inveja e a agressão», recordou Bento XVI no final de seu pontificado<sup>10</sup>.

A minha personalidade é bastante realista e a minha fé enriqueceu-se em contacto com uma formação tomista clássica. Não vou negar essas raízes, apesar de encontrar, em autores que se apoiam noutras filosofias e noutras teologias, elementos que enriquecem e alargam os princípios da minha primeira formação. Mentiria a Deus pela minha tonsura, para usar uma bela expressão de São Bento<sup>11</sup>, se olhasse com desdém para todos aqueles que não pensam exatamente como eu. Fiz-me entender? Não seria uma surpresa para mim que alguns professores, confortavelmente instalados nas suas cátedras, olhassem com curiosidade para este pequeno monge que fala de tudo e de nada com a pretensão de dar-lhes uma lição. Sou um pequeno monge, de facto, mas não tenho essa pretensão.

Nos jardins do mosteiro, os irmãos plantaram há pouco um labirinto vegetal. Nós, os contemplativos, não podemos ir a Jerusalém tantas vezes como gostaríamos<sup>12</sup>. A

---

<sup>10</sup> Vigília de oração com os jovens, 24 de setembro de 2012, *op. cit.*

<sup>11</sup> *Regra dos Monges*, cap. 1: «Das diversas espécies de monges».

<sup>12</sup> O labirinto tem a sua origem na mitologia grega e latina. Os cristãos adotaram-no (na Idade Média?) batizando-o com o nome *Caminho de Jerusalém*, que

ideia deste labirinto surgiu na cabeça do padre abade, portanto, na minha. Qualquer jardineiro amador acreditará em mim sem dificuldade: o labirinto é bastante extenso para arrancar logo todas as ervas daninhas, especialmente nos primeiros anos. Assim, passo ali uma parte dos meus fins de tarde, assumindo as consequências de uma ideia lançada sem suficiente reflexão. O princípio de um labirinto é deixar à pessoa que está disposta a entrar nele a responsabilidade de se aventurar, ou não, em problemas; é mesmo essa a regra do jogo. O meu texto é um labirinto.

Quem quiser estudar a relação entre verdade e caridade pode ir ao *site* de uma boa livraria católica: as obras valiosas não faltam. Ou poderá reler a *Fides et Ratio*<sup>13</sup> e as encíclicas de Bento XVI. Que posso eu acrescentar aos textos magistrais destes dois grandes Papas? Nada, a não ser dar aos leitores o gosto de os porem em prática. Um facto é certo: apesar das indicações recorrentes do Magistério, nós persistimos no erro. Os conflitos dilaceram-nos e às vezes matam-nos. Qualquer cristão coerente com a sua fé desejaria viver na verdade e na caridade, embora nenhum o consiga de forma perfeita, bem entendido. Isto é tão exigente que, por vezes, temos a impressão de não o querer. Dom John Chapman, beneditino inglês, aconselha então a «querer não querer outra coisa», a ter simplesmente «a vontade de querer ou o desejo de querer»<sup>14</sup>. Por outras palavras, esperar que

---

os fiéis podiam percorrer de joelhos. Encontra-se um, por exemplo, nos pavimentos da catedral de Chartres.

<sup>13</sup> É desta Encíclica, no nº 33, que procede a citação de São João Paulo II em epígrafe deste livro.

<sup>14</sup> *Correspondance spirituelle*, «Lettre du 23 août 1922». La vigne du Carmel, 1947, reedição revista: Édition du Carmel, 2004, p. 86.

um dia queiramos realmente aquilo que, por agora, não conseguimos querer. Será que podemos avivar em nós o gosto de viver na verdadeira verdade e de amar segundo a amorosa caridade? Fiz aqui uma dupla redundância, reconheço. Mas o que não faríamos para convencer os outros? Desenvolver o gosto pela verdade e pelo amor é ainda mais importante porque não somos responsáveis por todos os males que nos acontecem. Por alguns, sim; por outros, não. Perceber isto é consolador. Assim, uma vez que devemos lutar, juntos, contra o mal, não tenhamos medo de usar as armas apropriadas para este abençoado desígnio.

Acendo tochas ali onde a escuridão me incomoda, esperando iluminar o meu caminho e o de mais algumas pessoas para não nos perdermos no labirinto. Gostaria de testemunhar como, através de acontecimentos pessoais que acredito terem sido conduzidos pela Providência e das dificuldades que cada geração deve enfrentar, aprendi a vaidade, não do diálogo indispensável para caminhar em direção à verdade, mas dos conflitos, dos ciúmes e, por vezes, do ódio que os acompanha. Evocarei primeiro alguns acontecimentos da minha infância, na época do Concílio Vaticano II, depois a agitação de uma prolongada adolescência em revolta contra a fé cristã e finalmente a minha vida monástica em França e na República Checa. Eu viajo talvez mais do que devia, sempre de mosteiro em mosteiro. Ano após ano, encontrei judeus praticantes em Israel, fui em peregrinação ao mosteiro fundado por Santo António de Kiev e à sepultura de São Sérgio de Radonège, perto de Moscovo; após uma longa oração silenciosa, assisti às vésperas na catedral de São Jorge, do patriarca de Constantinopla; na

igreja dos dominicanos de Istambul, rezei pela unidade dos cristãos com irmãos e irmãs de confissões oriundas da Reforma; depois, no Cairo, com monges e cristãos coptas, católicos e ortodoxos. Todos esses países conhecem desde há muito a guerra. Uma ocasião, a partir da meia-noite, participei na liturgia do Corpo de Deus na basílica das basílicas, no Santo Sepulcro em Jerusalém, ali onde as Igrejas celebram em Igreja, desunidas entre elas, mas olhando o mesmo Senhor e atraídas por Ele, nos lugares do seu triunfo. Durante as matinas, no silêncio após os salmos cantados pelos latinos, ouvimos a salmodia nasal dos monges gregos. Em conjunto, produzíamos uma espécie de cacofonia inspirada que não me incomodava, muito pelo contrário. Ao ritmo dos irmãos da Custódia franciscana da Terra Santa, demos voltas e mais voltas, em espiral ascendente, à volta do sepulcro do Ressuscitado, levando velas e cantando hinos latinos. Nunca esquecerei os olhares que um monge copta e eu trocámos, mais eloquentes do que uma conversa e mais cordiais do que um abraço. Entre nós, infelizmente, há pontos de discussão e, às vezes, conflitos. Eu procuro contribuir para a nossa unidade pela minha oração e pela fidelidade quotidiana da minha vida monástica. Acredito firmemente que permanece entre nós uma comunhão autêntica, embora imperfeita, muito mais importante do que esses conflitos.

Sendo sensível aos vários e diferentes rasgões na Igreja, desde a noite dos tempos e de leste a oeste, e ainda mais à comunhão que os transcende, é como católico que me dirijo aqui aos cristãos, meus irmãos e irmãs, e como monge aos meus irmãos e às minhas irmãs, monges e monjas. A menos que escreva para mim «por causa dos

espinhos de discórdia que costumam surgir», segundo a expressão cheia de bom senso da *Regra* de São Bento (capítulo 13). Como o espinho de São Paulo, esses espinhos cercam o meu coração, obscurecem a minha razão e debilitam a minha fé.

Em Roma, andei de igreja em igreja, seguindo os passos de São Bento José Labre. Primeiro, em Santa Maria Maior, onde São Jerónimo, que discutiu ferozmente com Santo Agostinho, está provavelmente enterrado. Orei à Virgem perto do túmulo de São Pio V, pontífice objeto também de discussões, mas *post mortem*. Dali, fui a São João de Latrão, onde descansa Leão XIII, e descí até São Paulo Extramuros. Era a véspera da festa da conversão do Apóstolo das nações. O coro da Sistina ensaiava a celebração do dia seguinte que o Santo Padre viria presidir. Foi esplêndido. A música pode ser ainda mais viva nos ensaios, quando se procura a perfeição, do que durante a *performance* pública, quando se aproxima dessa meta. Admirei os medalhões dos Papas: os bons e os maus, os santos, os dissolutos, os simoníacos e os mecenas... Finalmente, terminei esta peregrinação na Basílica de São Pedro, onde descansa São Pio X (de quem não gosto muito!<sup>15</sup>), o Bom Papa João, Paulo VI e o querido João Paulo II, todos os três santos.

Procuro o caminho para a Jerusalém celeste e testemunho. Sou *testemunha* das minhas próprias tentações, dos meus caminhos falsos, dos meus fracassos e, ainda mais, da graça e da paz que me são dadas gratuitamente.

---

<sup>15</sup> Tenho uma grande admiração pelo São Pio X da comunhão frequente e menos estima por aquele que lutou contra o modernismo numa atmosfera de delação e suspeita generalizada. Que teria feito outro no seu lugar? Não critico quem o aprecia. Entre os santos, papas ou não, temos as nossas simpatias, como entre os vivos.

Apoiando-me na minha experiência para descrever como, por causa de dificuldades que nos ultrapassam, nascem e se desenvolvem conflitos estéreis e dolorosos e para perceber que atitudes ajudam a resolvê-los, procurarei abordar uma teologia e exegese de conflitos, num ambiente cristão, com o desejo de enunciar algumas verdades universais. Porque, se quiserem realmente saber tudo, eu encontrei este caminho na sequência dolorosa de provações, inesperadas e incompreensíveis, que vou calar por pudor. Mas é um caminho que não se encontra nos mapas. Cada um deve procurá-lo por sua conta.

Encontrei o caminho sem ter chegado ainda à Jerusalém celeste. Sei que este caminho é longo e abrupto, que não passa por debaixo de arcos do triunfo, mas por portas estreitas. Parece-me que li isto nos Evangelhos. Um monge escreveu, há cerca de trinta anos, que as curvas deste caminho são apertadas e as travagens duras, mesmo que Deus «conduza extremamente bem». Não pretendo imitar esse monge ou ser como ele. Quando era mais jovem, tinha essa ambição. Hoje sei que seria presunção e arrogância desejar isso. Percorrer o mesmo caminho que ele, sim! O que não significa que se deva caminhar sozinho. Sobretudo, sei que Cristo é a única pessoa cujos passos devemos seguir – aprendi-o à minha custa. Caminhamos seguindo Cristo, aprendendo a discernir os projetos que vêm d’Ele e levam a Ele, com a ajuda de outros caminhantes que nos precederam e nos apoiam, pela sua experiência na Igreja, num caminho frequentemente obscuro. Porque Cristo caminha conosco, é certo, mas alguns passos atrás de nós, como qualquer pastor que sabe conduzir o seu rebanho. De qualquer modo, é assim que procede o irmão que conduz

as ovelhas em Nový Dvůr, de uma pastagem para outra: ele fica atrás do rebanho e encoraja-o pela sua palavra, com uma voz doce.

Somos todos tão diferentes. Deus conhece-nos e consegue de nós o melhor de nós próprios, superando as características das nossas personalidades. Para descobrir o seu trabalho discreto em nós, devemos aceitar ser pacientes e talvez aceitar também, quando se apresenta a ocasião, sofrer um pouco. Na diversidade das pessoas, que é um dado incontornável, poderemos encontrar um caminho para construir a unidade, a comunhão?

## ÍNDICE

<b>PREFÁCIO</b>	7
<b>1. Alguns preâmbulos, em desordem</b>	13
Um testemunho	14
O trigo e o joio	16
Após uma vida desordenada	18
Dois amigos no mosteiro	24
Um labirinto	26
<b>2. Questões disputadas: primeiras abordagens</b>	35
Um irmão pode ser um inimigo?	36
Um provérbio cristão	40
Debatamos, não entremos em conflito!	45
Um homem luta com Jacob	46
Terra, costumes, opiniões conflituosas...	47
A favor ou contra	52
Podemos debater sem entrar em conflito?	54
Verdade e verdades	57
Que significa «estar errado»?	59
<b>3. Começemos com rodeios</b>	63
Monges e monjas no coração da Igreja	64
Alguns testemunhos	68
Um católico não tem aliados	71
<b>4. Primeiros fundamentos bíblicos, filosóficos e teológicos</b>	75
Quem é a Luz?	75
E o mal?	78

Deus é Luz	81
Creio na Igreja...	85
... e amo a Igreja	88
Construir a comunhão	90
Escutar o que o Espírito diz às Igrejas	95
<b>5. Um olhar sobre o passado próximo</b>	101
De onde veio o abalo?	103
A luz na obscuridade	106
O pós-concílio	109
<b>6. Alguns faróis na tempestade</b>	113
Verdade e Caridade	113
Justiça e paz, sementes de santidade	121
Na escola do <i>Monsieur</i> de Genebra	125
Paulo VI	126
<b>7. Nem viver fora do mundo, nem ser do mundo</b>	129
Os três mundos	132
Três dimensões do agir cristão	136
<b>8. Obscuridade e luz: conflitos internos</b>	143
A fumaça de Satanás	143
Perto de Deus, na sua mão	148
O método do Espírito Santo	150
Regozijo-me nos meus sofrimentos por vós	153
Desejo e sofrimento	155
E o sofrimento de Cristo?	158
A obra da morte e da vida	161
<b>9. Obscuridade e luz: conflitos externos</b>	167
Os cristãos e os meios de comunicação	167
Aprender a resolver entre nós os nossos conflitos internos	171
Aprender a escutar Deus através da <i>vox populi</i>	175
Não façais juízos precipitados	179
Jesus dorme sobre a almofada	181
Na escola de Santo Agostinho	184

Regresso aos bancos da catequese	186
Manter uma boa opinião dos outros	190
O que dizem os monges?	195
Agora, tendo envelhecido...	197
<b>10. A caminho da luz</b>	203
De joelhos como crianças	204
Querelas de discípulos	208
Com as nossas luzes e as nossas sombras	210
Filhos da Luz	214
A humildade	220
Quem humilhou a Virgem?	224
A doçura mais forte do que a força	225
Ao nascer da aurora	227
Amor e Verdade no fio da navalha	231
Um último esforço teológico	234
Uma missa na noite escura	236
<b>CONCLUSÃO: Algumas andorinhas</b>	241
<i>Índice</i>	245